

Nota de Abertura

Nuno Pinto Ribeiro
Universidade do Porto/ C.E.T.U.P.

“What is our life? A play of passion; I...!”,
Sir Walter Raleigh (?1554-1618), *On the life of man*

O Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto (C. E. T. U. P.) regista, com a publicação das comunicações que animaram o seu terceiro encontro internacional , realizado em 1 e 2 de Junho na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a continuidade do projecto interdisciplinar que presidiu à sua fundação. Sem prescindir de uma perspectiva compreensiva dos saberes em que se desdobra o vasto painel da investigação universitária comprometida na relação matricial com o Teatro e com o Drama, «What is our life? A play of passion;’ — Lugares do Palco, Espaços da Cidade» enfatiza a cumplicidade estabelecida com a Arquitectura, aspecto que se revelará na dimensão atribuída a preocupações ligadas à organização do espaço - a configuração do edifício na sua relação com o público e com a cidade, a estrutura interior da construção e seu alcance funcional e simbólico, a encenação e a coreografia. Esta presença qualificada, patente nos estudos que mais directamente a manifestam e nos que de modo menos específico a reivindicam, vive em solidariedade com aliados tradicionais – a Filosofia, o Direito, a Literatura – e alarga o terreno comum a novos protagonistas. A Arqueologia e o Cinema surgem representados pela primeira vez.

Poderíamos enunciar os tópicos de um percurso desenvolvido a partir da incidência temática de valor meramente indicativo, alheia a qualquer valoração ou hierarquização dos trabalhos apresentados e aberta às prioridades do leitor. Versão mais elaborada se contém na síntese produzida à boca de cena por José Manuel Martins que encerra o volume: nesse remate, urgentíssima e pressurosa construção ditada pelo final dos trabalhos, não urdida no mais confortável espaço que precede a impressão do texto, encontrará o leitor motivos de maior inspiração do que o oferecido pelo seco inventário que se segue.

O início é marcada pelo discurso filosófico de Jorge Croce Rivera, plasmado num esforço de especulação e de abstracção disciplinado no recurso a conceitos operativos que permitem pensar o teatro como feixe de implicações inerentes a uma natureza existencial compreensiva, logo seguido pela reflexão acerca das modulações do espaço cénico no século XVIII em França, conduzida por Martial Poirson, nela se esclarecendo as conviências estabelecidas entre a distribuição arquitectónica do espaço físico e a fixação do lugar do público na economia do espectáculo, pelo incisivo testemunho de Jennifer Tiramani acerca de aspectos materiais da representação no teatro isabelino e da revitalização de práticas e soluções que o Globe Theatre, nosso contemporâneo, tem vindo a desenvolver (v. g. os jogos de luz e sombra no espaço teatral envolvidos no encanto e sortilégio de uma lição antiga) e ainda pelos exemplos da teatralização da urbe através do envolvimento do quotidiano cidadão pela metáfora viva do teatro e da representação, resposta frontal ao repto lançado por este Encontro vinda de Nantes pela pena de Marcel Freydefront; depois, a incursão peregrina de Maria Gabriela Ferreira no *Jornal do Conservatório* e no magistério, sempre actual, de Almeida Garrett. A intervenção foga de Vítor Oliveira Jorge, assumidamente hostil à críspação da palavra escrita, bem à semelhança da conhecida suspeição socrática em relação à retórica sofisticada, evolui no aparente sincretismo de uma errância afinal controlada, comprometida com uma visão abrangente e crítica vivamente apostada na exposição da dimensão histriónica e teatral capaz de libertar Arqueologia e arqueólogo da relação unidimensional do universo rarefeito do vestígio e do fósil. Em seguida, a contribuição do Direito, representada nas observações de Rute Teixeira Pedro acerca das propostas que buscam regulamentar o estatuto dos actores, clarificar o feixe de actividades conjugado pela profissão e pôr termo à anomia e instabilidade casuística por que se tem pautado esta área da nossa vida cultural e laboral; trata-se de um estudo a que a entrada em vigor da lei não retira actualidade e pertinência e a merecer, em conformidade, outros desenvolvimentos e apreciações. É o momento em que as referências temáticas centrais deste número de *Teatro do Mundo* reocupam o seu espaço. João Mendes Ribeiro, cenógrafo de *Berenice*, introduz-las através de breve e compreensiva incursão na cenografia do século XX para, acto contínuo, abrir pequena sequência de testemunhos gerados a partir da experiência do encenador (Carlos Pimenta) e do leitor/espectador (Cristina Marinho), aqui se destacando as modulações de forma e sentido desenhadas na representação do texto de Racine; Carlos Carvalheiro oferece-nos nota curiosa a respeito das contingências que rodearam o espectáculo de *O Nome da Rosa* no Convento de Cristo em Tomar;

José Capela revela-nos um *work in progress* fortemente sugestivo na sua abertura a uma visão prospectiva e experimental; o olhar heterodoxo de Simon Donger explora concepções espaciais arquitectónicas e cenográficas projectadas nas descontinuidades e tensões inscritas na paisagem pelo corpo/artefacto que a habita e alegadamente a reconfigura; Romain Jobez procura explicitar as dialécticas do sujeito e do objecto na representação a partir de homologias suscitadas pela disposição arquitectónica do edifício teatral e sua distribuição interior, ou ainda pela pintura, identificando atitudes estéticas na diversidade do quadro relacional assim instituído; com Marisalva Fávero nos chegamos às propostas do «teatro espontâneo», génese e modalidades de uma intervenção bem próxima do envolvimento celebratório ou do exorcismo de intenção terapêutica, e sempre aberta a novos desenvolvimentos; a valoração de potencialidades contidas nos modelos arquetípicos na construção do lugar da cena na economia do espaço teatral, afinal preocupação conhecendo larga fortuna entre Antigos e Modernos, mobiliza a atenção de Cristina Costa. O cinema de Robert Bresson vem documentar, na reflexão segura de David Pinho Barros, o território em permanente reconfiguração que o projecto deste Centro de Estudos Teatrais acarinha desde a primeira hora. Finalmente, o notável esforço de síntese acima referido, modelado na reflexão atenta do filósofo que tenazmente resiste à ingrata moldura do imediatismo da impressão.

É claro que a responsabilidade dos trabalhos aqui publicados cabe exclusivamente aos seus autores. O mais alto reconhecimento é devido a todos os que tornaram esta iniciativa possível, a todos os que nela participaram oferecendo comunicações ou participando nos debates, a todos os que nos honraram com a sua presença e o seu interesse. E não destoará, em nota que encerra esta apresentação, um tributo comovido ao esforço generoso dos colegas e dos profissionais do teatro, muitos vindos de bem longe, que tão gentilmente acederam ao nosso convite.

